vinetur

A produção de vinho tranquilo na Crimeia anexada pela Rússia caiu 24,7% até agosto.

A produção de espumante caiu 38% depois de ataques às rotas de abastecimento, faltas de combustível e cortes de eletricidade terem perturbado as adegas.

sexta-feira, 18 de setembro de 2026



A produção de vinho na Crimeia anexada pela Rússia caiu cerca de um quarto nos primeiros oito meses de 2026, segundo um relatório de sexta-feira do Kommersant que citou dados do Serviço Federal de Regulação do Mercado do Álcool da Rússia, uma vez que faltas de combustível e ataques repetidos às rotas de abastecimento perturbaram a produção na península.

Os dados mostraram que a produção de vinho tranquilo na Crimeia caiu 24,7% face ao ano anterior entre janeiro e agosto, enquanto a produção de vinho espumante recuou 38%. A quebra foi mais acentuada do que a desaceleração global do setor vitivinícola russo no mesmo período. Em todo o país, a produção de vinho tranquilo caiu quase 15%, e a produção de espumante diminuiu 14,5%, referiu o relatório.

O revés tem importância para além da Crimeia, porque a península é um grande fornecedor para o mercado russo do vinho. Representa cerca de 20% do vinho tranquilo e 10% do espumante vendidos na Rússia. Uma queda sustentada desta dimensão poderia afetar o abastecimento de distribuidores, retalhistas e restaurantes, ao mesmo tempo que aumentaria a pressão sobre os custos de transporte e de embalagem em todo o setor mais amplo das bebidas.

O Kommersant afirmou que especialistas do setor associaram a quebra a um aumento dos ataques ucranianos à Crimeia durante o verão. Esses ataques, segundo o relatório, provocaram uma escassez aguda de combustível e interromperam as ligações de transporte entre a península e a Rússia continental. As perturbações atingiram uma parte da indústria que depende de entregas regulares de garrafas de vidro, rolhas e outros materiais de embalagem antes de o vinho poder ser engarrafado e expedido para o mercado.

Os especialistas citados pelo jornal disseram que transportar esses fornecimentos se tornou simultaneamente mais caro e mais perigoso. Isso aumentou a pressão sobre os produtores, que já lidavam com constrangimentos logísticos ligados à guerra. Para as adegas, custos de transporte mais elevados podem afetar rapidamente os calendários de produção, os planos de armazenamento e os prazos de entrega, sobretudo quando materiais essenciais têm de chegar de fora da região.

O relatório disse ainda que os cortes de energia intermitentes agravaram a pressão sobre os produtores locais. Os ataques à infraestrutura energética cortaram periodicamente a eletricidade, criando outro obstáculo para as adegas que dependem de energia estável para processamento, engarrafamento e armazenamento. Mesmo interrupções temporárias podem abrandar as operações em fases críticas da produção.

A indústria do vinho na Crimeia também foi afetada por uma procura local mais fraca, associada ao colapso do turismo. Segundo o relatório, menos turistas viajaram para a Crimeia este ano devido a ataques ucranianos mortais, e isso reduziu as compras que normalmente são feitas pelos veraneantes que visitam a região. A despesa turística tem sido há muito uma importante fonte de vendas para as adegas locais, particularmente através de compras diretas nas vinhas, lojas e locais de hotelaria.

A produção mais fraca na Crimeia surge numa altura em que o mercado russo do vinho enfrenta pressões mais amplas, mas o declínio da península destaca-se pelo seu papel na cadeia de abastecimento do país. Se a produção mais baixa se mantiver até ao resto do ano, poderá haver menos produto disponível em alguns canais de venda e obrigar os vendedores a dependerem mais de fornecimentos de outras regiões russas ou de importações, consoante o preço e a disponibilidade.

Ainda assim, a perspetiva para o resto do ano não é totalmente negativa. O Kommersant referiu que os produtores de vinho esperam uma recuperação da produção mais tarde em 2026, apoiada por previsões de uma colheita de uvas forte que alguns no setor dizem poder ser a melhor numa década. Se essa recuperação se concretizar dependerá não só do tamanho da colheita, mas também de saber se o abastecimento de combustível, as ligações de transporte e a infraestrutura elétrica se tornam mais estáveis durante a vindima e a época de engarrafamento.